

um homem caminha numa álea, entre as árvores, vestido de fato completo, cinzento ou azul, e chapéu de feltro preto, vê-se o vinco perfeito das calças, as costas do casaco sem uma ruga, os punhos brancos da camisa, e a mão direita numa oscilação fraca de pêndulo, é outono, um esquilo, numa corrida rente ao chão, estaca de súbito, ergue-se nas patas traseiras e fica a olhar o homem, a percorrê-lo com a sua paragem, uma rabanada de vento empurra as folhas secas, num áspero movimento : encaham no pedrisco, avançam um salto, voltam a encahar, deslocam-se aos sacões, numa trajectória intermitente, até se juntarem contra o tronco de uma faia, num monte poroso onde circula o vento,

e que de repente explode :

as folhas voam num silêncio de vidro, volteiam no ar, sujam a casca das faias ou o branco aguado dos seus troncos, um obus rebentou, na álea serena do parque, e atirou os restos do outono pela paisagem, uma gralha atravessa em voo a diagonal do mundo,

tudo cai lentamente,

uma folha, a última, balouça a côncava secura, com uma formiga abrigada no seu côncavo, a nave vai, la nave va, em rota mitigada pelo vento que a arrasta por escarpas, volutas, planos inclinados, sem nunca a virar, o homem segue-a com os olhos, vê-a subir até à copa das árvores, confundir-se com ela, desaparecer um momento, recolher-se um momento no silêncio da copa, e depois desprender-se dessa cor ferrugenta, para lhe cair aos pés, ele baixa-se e agarra-a, fica com ela na palma da

*mão, fremente, não a mão mas a folha, num estremecimento de partida,
este homem perdeu-se, ou vê-se perdido,
não conhece o jardim, nem a casa por entre as árvores, não reconhece o céu, o cinzento desse céu, que não é mais do que um espaço a abrir-se para nada, este homem não se lembra do nome das árvores, nem o do pássaro negro que se lhe atravessou no caminho, aos pulos, nem o do animal de cauda felpuda, a rasar o cascalho, numa corrida, nem para onde vai nem de onde veio, este homem sabe unicamente que tudo o que não sabe é um imenso nome que o mata, e, por isso, pára, interrompe a doença, e vê,
os seus olhos têm a técnica cirúrgica do recorte, atentos à folha, aos rebordos encarquilhados, às placas circulares de fungos, castanho sobre amarelo torrado, às fissuras por onde ela há-de abrir, romper-se, até ficar reduzida a nervuras, como a pena de um pássaro ou os ossos da mão, ele segura-a pela bainha, para que o vento a destrua, pedaço a pedaço, lhe arranque a forma de folha, a descarne, a desfolhe, até ao esqueleto, fina espinha de peixe, e assim veja o tempo a construir-se, se veja nesse tempo, contido na sua mão, entre os dedos, na formiga que ao longo do braço lhe traçou na sua caminhada uma linha de cadáver, lhe desenha o envelhecer no corpo, o homem sabe que a palavra enorme escondida se aproxima dele, corrosiva, não um fantasma mas uma ameaça, em tudo aquilo que vê se desenha o rigor dessa ameaça, tudo tem por detrás o murmúrio da monstruosa aproximação, tudo o rodeia, tudo se dá a ver, a ouvir, a paisagem está cheia de ruído,
quer virar-se, porém não sabe para onde, quer descobrir a palavra que à sua volta o mundo parece dizer, quer pronunciá-la, afastar o seu mal nessa pronúncia, quer falar, mas só há coisas cegas, só há a maldade dos objectos, a sua nitidez é a sua maldade,
eis o mundo um segundo depois de Deus o ter criado, segundo imenso com o homem no seu centro, quando nomes e coisas desfizeram já a sua absoluta intimidade,*

ando : disse : por um mundo onde já não há a intimidade de Deus, ando pelo relevo de uma frase que desconheço, isto, isto : eis o nome que sei dar às coisas,
anda pela álea e a álea é uma repetição : há sempre um melro negro que a atravessa aos saltos, e um esquilo em corrida, há sempre Deus a escrever o texto que o homem percorre, tu lês mas não compreendes, a formiga já está no teu ombro, sobre o enchumaço, animal incerto na sua solidão, à tua frente as folhas caem, é a avenida das faias, ou a dos castanheiros, como há muitos anos a avenida das tílias, é a avenida das árvores a que Deus se entretém a mudar o nome, embora seja sempre o mesmo nome a embaciar-te os olhos, é a avenida das tílias : diz ele : Linden, unter den Linden, e levanta a perna, até ficar paralela ao chão, fixa nesses passos de som cadenciado, passos de ganso, a derrocada das tílias, folha a folha, secas, riscando o ar, abrem um poço com a forma de folha, palminérveas : diz a criança na escola, palminérveas : diz o homem : crenadas, lobadas, fendidas, partidas, mas as das tílias : interroga-se : como são as folhas das tílias?, só o seu cheiro em queda vem do passado, será que havia tílias? ou eram outras as árvores? os nomes são assim tão persistentes? O homem olha à sua volta e diz : faias, e emenda : castanheiros, olha o pássaro negro aos pulos a atravessar a álea e diz : melro, olha o animal de rabo comprido e tufado e diz : esquilo, olha o cinzento sobre a sua cabeça e diz : céu, olha a casa, a sua humidade branca, e diz : casa, olha o pedrisco e diz : calcário, olha a formiga e diz : formiga, olha o lago que ainda não vira e diz : lago, olha as carpas e diz : carpas, olha a água e diz : água, olha o limo e diz : limo, e emenda : algas, olha os nenúfares e diz : rã, olha a rã e diz : nenúfar, e emenda : folha, olha uma criança a correr e diz : foge, ouve Franz e diz : mãe, e repete : mãe, e chora, ouve o choro, ouve-se no choro e diz : eu choro, olha à sua volta e diz : é tarde, e emenda : é de tarde, e acrescenta : é o fim da tarde, é tão tarde

Franz Franz onde está o teu irmão?

Não sei, talvez junto ao Traisen, a pescar,

A mulher aproxima-se dele : que estás aqui a fazer, parado, no jardim?

Ele encolhe os ombros,

Ela repete : que estás aqui a fazer, parado, no jardim?

Ele chega-lhe a boca ao ouvido e murmura : aquilo é uma faia, aquilo é um melro, aquilo é um esquilo, aquilo é um lago, aquilo é uma carpa, aquilo é o céu, aquilo é um charco, aquilo é um nenúfar, aquilo é uma rã,

e abre os braços

e abre as mãos

e diz : és tu,

alguém me procurava

o que lembro : manchas de luz, só manchas, na infância, amarelo de areia e azul transparente, água através da qual outra luz surgia, nos meus olhos abertos uma pedra coberta de limo,

o verde ondulava num movimento que fazia crescer cada fio e o tornava vagaroso,

via-se a luz, a sua vida perceptível nas pequenas bolhas de ar a desprenderem-se do fundo, campo vertical semeado de luz, aproximava-me dele e cada palavra crescia no frio dos meus lábios como um desenho, e quase se tornava visível,

a paisagem afastava todas as outras vozes,

o campo picotado de restolho descia até à praia, gafanhotos saltavam arqueados pelo som, lentos na queda, através do calor íntimo de um som a crescer,

a areia chegava-me à boca, em grãos de som,

o mar era o desenho de um barco,

alguém me procurava, alguém procurava o meu nome, de costas viradas para mim, a afastar-se de mim, num abandono que não

acabará, no entanto, deve ter havido um momento em que essa voz se debruçou para a minha voz e se confundiu com ela, mas esqueci-o : o presente é um afastamento que se inicia, uma manhã que não culminará,

um nome separa

sempre vi o teu rosto separado das minhas mãos, e nunca consegui preencher esse espaço, somente pressentir-lhe o calor, esquecido de que to dera,
todos os meus gestos têm uma raiz no esquecimento,
tudo o que sobrevive tem a raiz no esquecimento :
sombra dolorida onde o passado se concentra até se tornar insuportável e fazer-se coisa, nome que procurará uma boca para continuar : o mesmo som, a mesma voz errante,
cada nome leva em si uns lábios como a sua vida : às vezes decresce e torna-se um segredo, uma confissão, outras vezes desdobra-se e enche a vereda, as silvas, as fragas, os arados, os passos; às vezes pára na árvore e a árvore estremece, outras vezes pára no voo e torna-o vertiginoso; às vezes é seta, bala, o vento refulgente, as estátuas de sal, outras vezes debruça-se para mim e abre-se na face que não suspeitei amar,
às vezes o som e a luz tornam-se rigorosos e desenham um rosto, e eu dou um nome a esse rosto,
chama-se tempo a essa nomeação chama-se morte,
porque um rosto vive de não poder ser dito, de nele não se fixar uma soletração, um mexer de lábios,
ama-se enquanto um nome permanece esquecido,
morre-se quando se diz o nome o tempo a doença,
um nome separa : de um lado a luz do outro as trevas,
um nome separa um corpo da sua sombra,
liberta as sombras, dá-lhes um reino, exila nele Eurídice,
tira aos corpos as raízes,
o teu corpo, por exemplo, vi-o sempre a amachucar a sua sombra, pleno no dia que te apagava a história, a escondia como uma crueldade,